

Saída da pandemia. Trauma atual. Adolescência¹

Analía Wald²

“A escola secundária tem que fazer mais do que não forçar seus alunos ao suicídio. Deve inculcar-lhes a alegria de viver e dar-lhes apoio, numa idade em que pelas condições do seu desenvolvimento, são obrigados a afrouxar os laços com o lar paternal e com a família”
Freud, S. (1910). *Contribuições para um debate sobre o suicídio.*

I – Pandemias

No Webinar “Transitando lutos... a vida persiste”, organizado pela Comissão da Infância e Adolescência Fepal da qual faço parte, em outubro de 2020, o intercâmbio e apresentações se centralizam, na maioria, na adolescência. Poderíamos pensar que os adolescentes são os que mais rapidamente mostram a dificuldade e o mal-estar em cada época. São eles que costumam colocar em evidência que os adultos não têm resposta ao enigma das alegrias, gozos ou do desamparo da realidade, visto que nem as tradições nem os fantasmas edipianos podem dar sentido ao novo que surge.

¹ Seminário Aberto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre: “Saída da pandemia. Trauma atual. Adolescência”, realizado em 11 de outubro de 2021.

² Lic. e Doutora em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Especialista em Crianças e Adolescentes. Associação Psicanalítica Internacional. Faculdade de Psicologia. Universidade de Buenos Aires. Associação Psicanalítica Argentina.

Que marcas a pandemia deixa nos territórios corporais, nos vínculos, nas subjetividades adolescentes? Estamos namorando... o gerúndio indica tempo real. É difícil pensar em movimento. Será necessário um tempo para podermos expandir nossas teorias para dar espaço a esse momento histórico. Embora os conceitos psicanalíticos não possam ser aplicados diretamente a todas as singularidades, a pandemia acelerou uma crise paradigmática onde os modelos explicativos da psicanálise também estão sendo revistos. Em relação aos paradigmas, urge repensar a relação com a natureza e o meio ambiente, o modo de consumo, a redefinição do sujeito coletivo e a ideia de comunidade.

Há muito tempo, no campo da psicanálise, trabalhamos na incorporação de aspectos epocais, sociais e culturais como dimensão incidente na produção de subjetividade (Wald, 2021). Estamos adotando cada vez mais uma perspectiva *trans*. Nesse sentido, a pandemia, assim como a adolescência, não é igual para todos e todas. Há pandemias no plural e há adolescências. Para além da singularidade do caso a caso que nós psicanalistas reivindicamos, a pandemia e o isolamento revelaram a letalidade de uma ordem profundamente desigual, racializada, particularmente evidente na desigualdade no acesso à saúde, à educação e ao trabalho. As condições de isolamento não têm sido as mesmas para todos os adolescentes e este não é um mero aspecto contextual. O Outro da pandemia não tem sido o mesmo para todos e muitos, muitíssimos viram suas chances de vida e sobrevivência dizimadas.

Muito se tem falado sobre o que a alteração radical da vida cotidiana, com seus ritmos, seus espaços, suas rotinas, implicou para as crianças, jovens e suas famílias. Vou pontuar apenas três questões que, em minha opinião, atravessavam de alguma forma todos os setores sociais e que considero particularmente incidentes na experiência adolescente: 1) a supressão do comum, da dimensão pública, da hibridização com o exterior ou estrangeiro, dos espaços de contágio, com a radicalização do outro como perigosa. 2) a limitação do movimento, dos movimentos do corpo, do ir e voltar, modificando a experiência do espaço, com a consequente perda da diversidade de estímulos e o elogio da imobilidade 3) a brutalidade do desamparo diante da irrupção repentina de morte.

Não a morte prematura individual, aquela atribuída aos genes, ou má sorte, ou descuido. Morte arbitrária, independentemente de nossas crenças sobre ela e nossas ações para domá-la, arbitrária, elegendo a uns sim e a outros não, geralmente velhos, justamente aqueles que se sentiam triunfantes, aqueles que a seguravam pelo pescoço. (Katz, 2020, para. 5)

II - Trauma

A demanda de trabalho psíquico mobilizada por essas condições aproxima-se de uma das maneiras pelas quais podemos compreender o conceito de trauma, presente no pensamento freudiano e desenvolvido por Laplanche, que ampliou a teoria traumática da sedução redefinindo-a como “Teoria da sedução generalizada” (1989). É o adulto quem, no cuidado com o bebê, inaugura o campo da sexualidade, por meio de mensagens libidinais cujo significado o próprio adulto desconhece e que se implantam como enigma constituinte no sujeito psíquico. Silvia Bleichmar disse que a estruturação do aparelho psíquico é traumática. Ela enfatizou na relação de assimetria fundante entre um bebê indefeso (*hilflosikheit*) e o adulto responsável, que este último possui um inconsciente sexual, e que essa sexualidade se infiltrará no cuidado que ele oferece, nas carícias e em tudo o que faz a autopreservação da vida (Bleichmar, 1992). Nesse sentido, o traumático é a própria condição da constituição psíquica devido ao excesso de energia sexual e ao despreparo (falta de possibilidade de dar sentido) para assimilar esse excesso. O traumatismo é a energia sexual que penetra no sujeito forçando elaborações e traduções psíquicas dessa excitação, da qual sempre resta um resquício que também será fonte de elaborações e simbolizações posteriores. A noção de trauma assume, assim, um significado mais amplo, não ligado exclusivamente a processos patogênicos. Em outras palavras, é um excesso de energia (sexual) que vai exigir um novo ato psíquico, uma escrita de romance, um movimento de inscrição no psiquismo. Este será o paradigma do traumático, ou seja, a potencialidade traumática se dá porque o que estoura abre um buraco, uma ruptura na teia de sentido, uma ferida (*trauma* significa etimologicamente “ferida”) na teia simbólico-imaginária que vai necessitar de uma nova sutura. Nesse sentido, o trauma é também um evento potencial, em termos de resposta subjetiva, que pode ser uma simbolização, um ato, uma defesa ou uma passagem ao ato se prevalecer o mortal.

Podemos tomar um dos exemplos centrais que Freud dá para o controle de um excesso de excitação: a brincadeira do FORT-DA. Há um momento desse jogo que não costuma ser o de maior destaque, onde a criança brinca “fazendo a criança aparecer e desaparecer sua própria imagem no espelho”. Na ausência da mãe, a criança brinca procurando sua imagem no espelho. Há uma afirmação do narcisismo, um passo nesse novo ato psíquico de passagem do autoerotismo ao narcisismo. A busca por novos recursos é, neste caso, a produtora de novas simbolizações (Freud, 1920/1996). Então o excesso refere-se na origem à implantação da pulsão através da presença sexualizante da mãe, mas também ocorre na ausência, onde a criança é deixada às suas próprias pulsões (objeto

fonte já interno) e faz um esforço de novos laços. Algo tem que ser feito com isso. “Condenados a investir”, dirá Piera Aulagnier (1994, p. 254). Em todos os casos, o traumático vem de dentro do sujeito (um corpo estranho interno-externo?) e exige novas inscrições, traduções psíquicas, novos significados que não existiam. Isso pode acontecer ao longo da vida: algo irrompe algo desaparece, algo força uma nova sutura nas coordenadas simbólico-imaginárias, a um novo ato psíquico.

Vou trazer um momento da literatura de Clarice Lispector que me parece descrever um episódio com essas características na vida de uma mulher adulta, na medida em que um encontro produz uma perda das coordenadas simbólico-imaginárias que enredam a corporalidade como suporte de uma identidade. A história é *A Bela e a Fera, ou uma ferida muito grande* (Lispector, 2008). Uma mulher protegida, de classe alta, se vê subitamente exposta em sua fragilidade devido a uma simples quebra de sua ordem diária: saindo do salão de beleza, o motorista não apareceu e ela não pode voltar para casa. Depois de se olhar no espelho, ela se lembra que é uma mulher casada, com filhos, com nome, carioca, ligada ao seu passado e à sua tradição: Carla tem o sentimento de pertencer a um “rebanho de mulheres e homens”. Fez um casamento para ter acesso a certos títulos, organiza jantares, aparece nas páginas sociais. Ela mesma é um espelho onde “nesses outros, ela se refletia e os outros se refletiam nela”. Sua vida mudará com o encontro com um mendigo que pede esmola, que tem uma ferida aberta na perna. Para além da revelação que o encontro com a Alteridade produz em Carla, quero focar o encontro com o real dessa ferida e a consequente rachadura do espelho. Carla vive uma experiência “traumática”, uma ferida nas coordenadas que, até aquele momento, a sustentavam. A identidade em que nos reconhecemos não tem um núcleo autônomo estável, mas sustenta-se na sua relação com o Outro, onde nos estabilizamos no contacto com algo que nos completa, que está fora de nós e/ou que falta definir um determinado projeto. O encontro com o mendigo quebra o espelho que já não devolve a imagem que a segurava e deixa Carla com suas elucubrações onde o sentido de sua vida está desmoronando. Cito:

Nunca mais seria a mesma pessoa. Não que ela nunca tivesse visto um mendigo. Mas isso aconteceu na hora errada, como um empurrão que a fez derramar vinho tinto no vestido de renda branca. De repente ela soube: aquele mendigo era feito da mesma matéria que ela. Simplesmente isso. O “porquê” é o que era diferente. (2008, p. 539)

Mais tarde, ela se pergunta:

– Como eu poderia nunca ter descoberto que também sou uma mendiga? Nunca pedi esmola mas imploro pelo amor do meu marido que tem duas amantes, imploro pelo amor de Deus que me considerem bonita, feliz e aceitável, e as roupas da minha alma estão em farrapos... “Há coisas que nos tornam iguais”, pensou, procurando desesperadamente outro ponto de igualdade. A resposta veio de repente: eles eram os mesmos porque tinham nascido e ambos morreriam. Eram, pois, irmãos. Teve vontade de dizer: olha, cara, eu também sou uma pobre coitada, a diferença é que sou rica. (2008, p. 539)

A ferida que é grande demais no título da história metaforiza a comoção, o trauma que ocorre diante do aparecimento de alguém que não a reflete, que produz uma ruptura nela e com quem ela acaba se identificando, ao ponto de questionar as referências que até então a sustentavam.

Deste ponto de vista, adolescência e trauma quase não se diferenciam. De fato, diversos autores falam da puberdade traumática, de um excesso a metabolizar advindo da interioridade imposta pelas transformações corporais: a novidade genital, os caracteres sexuais secundários, uma nova estética e um novo sensorio movem o narcisismo trabalhosamente construído e sustentado durante os anos da infância pelo eu e o discurso familiar e social. Novas imagens serão necessárias para esse corpo ainda não amarrado, ainda não incorporado a uma trama simbólico-imaginária.

III – Adolescências

Então, assim como a infância, ou *infantia*, é o paradigma de implantação da pulsão, “a região do desejo”, segundo Lyotard (1997), a adolescência é o paradigma do que Julia Kristeva (1998) chama de *revolta*: paradigma de um tempo em que as pulsões devem encontrar novos arranjos com a investidura do próprio corpo, com o sexo e as práticas sexuais, com os pares e com o social. Novas tramas, novas inscrições, envolvendo novos atores. Com efeito, tanto o trauma como a adolescência designam tempos de choque: a adolescência implica uma queda e uma reelaboração das formas como o sujeito se posicionou no social, uma ruptura das identificações e, ao mesmo tempo, dos recursos que tinha conseguido lidar com o real de seu próprio corpo. Como se inscreve essa nova corporalidade? Recorremos à teoria de Piera Aulagnier para pensar que as transformações corporais, erógenas, cinestésicas, sensoriais e estéticas implicam algo heterogêneo a ser metabolizado pelo psiquismo. Inscrevem-se novos pictogramas, que podem ser fusão, incorporação do novo ou rejeição (Aulagnier,

1977). Temos um contínuo que vai das tatuagens, os cortes, consumos com arestas paradoxais que implicam desde tentativas de inscrição mais ou menos bem sucedidas ou mal sucedidas, ao desinvestimento massivo do próprio corpo ou do social.

A perspectiva *trans* é uma forma de nomear a inserção da psicanálise no paradigma da complexidade (Rodríguez Zoya, 2018). É uma perspectiva necessária para pensar a incidência metapsicológica dos agentes de subjetivação não familiares, o que é crucial no trabalho com adolescentes.

Há um ponto que é central no tema que nos une, e é que a elaboração do trauma puberal é transindividual. Tanto porque requer novos espelhamentos, quanto pela importância do contexto de grupos. Não podemos pensar esse momento fora de um tópico ampliado, como o proposto por Kaës (2006, 2010), J. Puget, Bleger, I. Berenstein, entre outros. Adrián Grassi (n.d.) destaca o conceito de agrupamento puberal, que é agrupamento com estrutura de massa, que permite que o corpo seja vivenciado com certa indiscriminação e indiferenciação. Ou seja, a experiência subjetiva se inscreve em um espaço que funciona como uma faixa de Moebius, que permite começar a inscrever esses pictogramas, isso que acontece nos corpos, que não se sabe o que é, mas que acontece com eles juntos.

Frequentemente, esse tipo de agrupamento permite que o encontro com o gênero seja neutralizado por um tempo, o que também é traumático. De acordo com Dejours (2017),

como consequência da puberdade, reativam-se os resíduos de mensagens de atribuição de gênero não traduzidas, que exigem traduções mais elaboradas dos enigmas relacionados à identidade de gênero, ou exigem um trabalho de destradição-retradição de mensagens de atribuição depositadas durante a infância. O estoque de versões mito-simbólicas constitui um recurso amplamente utilizado pelos adolescentes, em particular, graças ao cinema e à Internet. (El género en el pasaje de la infancia a la adolescencia, para. 2)

Versões hetero e homonormativas estão presentes em animes, jogos virtuais, bandas de rock. “Mas a ajuda à tradução é antes de tudo uma coisa de *grupo de pares* que se torna, ao que parece, o elemento decisivo na evolução dos adolescentes em relação ao gênero” (Dejours, 2017, El género en el pasaje de la infancia a la adolescencia, para. 2). Ou seja, a emergência da puberdade implica na necessidade de recompor em novos modos de gozo das marcas erógenas e fantasmáticas cunhadas na infância com a oferta social veiculada pelo grupo de pares.

Qual é a incidência metapsicológica de agentes de subjetivação não familiares: a massa púbere, o grupo de pares, os amigos e outros referentes adultos como

professores, treinadores esportivos, tutores, lideranças juvenis da militância, entre outros?

Não se trata apenas de relações ou vínculos, mas da inscrição simbólica de uma categoria intrapsíquica na psique do adolescente. Rodolfo diz: “Nossos temas teriam que ter um suplemento, assim como falamos de Eu, Id e Superego, para pensar essa categoria de *nós*” (Rodolfo, 2008, p. 121). É uma categoria que tem seus precursores na infância, nos irmãos, nos amigos, e que aparece tão mal sucedida onde há patologias graves. A categoria do “*nós*” não é o *nós* da massa puberal de corpos conjugados. A construção de um “*nós*” implica a possibilidade de ser afetado por um vínculo, um rearranjo especular e a construção de um projeto de identificação, onde estar com os outros não implica indiscriminação, mas reconhecimento das diferenças.

O capitalismo nos habituou a exacerbar os processos de individuação, a idealizar tudo o que é separação, como se diferenciar-se fosse sempre um processo que deve ser feito *contra* o outro, distanciando-se dele, não algo que se possa fazer com o outro. (Rodolfo, 2008, p. 122)

Considero que esta categoria é necessária para poder pensar um projeto coletivo, trabalhando com os outros, compartilhando com os outros. Por que é tão difícil pensar em termos de uma grupalidade não regressiva, não indiscriminada, não ansiogênica por si? Precisamos desenvolver ontologias relacionais que nos permitam incorporar novas formas de pensar o “comum”, os aspectos libidinais do grupo e da amizade, os laços de ternura, a empatia.

Tanto a inscrição da corporalidade puberal quanto a construção de um *nós* que garanta certa estabilidade narcísica e diversidade de experiências fora da família requerem dinâmicas sociais. Então, como essas três condições sobre a pandemia que propus afetaram o trabalho psíquico da adolescência

- 1) a supressão do comum, da dimensão pública, da hibridização com o exterior ou estrangeiro.
- 2) a limitação do movimento, dos movimentos do corpo, do sair e voltar, modificando a experiência do espaço.
- 3) a súbita irrupção da morte e a brutalidade do desamparo diante da morte.

IV – Saídas

Agamben alertou-nos fortemente, desde o início de 2020, sobre as consequências éticas e políticas da pandemia e a transformação dos paradigmas políticos que as medidas excepcionais estavam a desenhar. O *Estado de Segurança*, que se baseava no terrorismo, deu lugar agora a um paradigma de governo que

podemos chamar de “biossegurança”, que se baseia na saúde. É importante compreender que a biossegurança supera em eficácia e generalidade todas as formas de governo dos homens que conhecemos. Como é uma ameaça à saúde, as pessoas aceitam sem reação as limitações às liberdades que nunca teriam aceitado no passado. Isso levou ao paradoxo de que a cessação de todas as relações sociais e de toda atividade política é apresentada como a forma exemplar de participação cívica. Cria-se um “desejo de segurança”, suspende-se a vida para protegê-lo. Mas a vida protegida é vida nua, vida sem encontros, sem acontecimentos, sem construção do comum (Agamben, 2020).

Em Buenos Aires, tivemos a quarentena mais longa do mundo. Aprendemos a fazer tudo (ou quase tudo) por meio de dispositivos digitais, analisar crianças e famílias, ir ao teatro, comemorar aniversários, ir a mostras de arte. Agora que aprendemos tudo isso, o que está acontecendo? Mover de novo? Incentivar o contágio social, onde o outro não é apenas temido, mas também desejado, fonte de desejo e não apenas ameaça? Historicizar? Lamentar os milhões de mortos? Voltar ao tempo cronológico, ao tempo dos hábitos e rotinas de antes? O que foi perdido nesses quase dois anos pode ser considerado perdido?

E mais especificamente, o que é sair da pandemia na adolescência?

Eu mudaria a premissa, o problema agora não é a saída da pandemia, mas a forma como os adolescentes conseguiram “sair” de seu corpo infantil, de sua posição de criança na dinâmica familiar, como conseguiram colocar em prática seus movimentos amorosos e hostis em um contexto de confinamento, de perigo, de contágio, onde o mate é proibido, onde o par é perigoso? Que arranjos fizeram com a nova pulsão, com a novidade da genitalidade, com a imagem do espelho quebrada? Com o reforço endogâmico dos fantasmas edipianos diante da convivência forçada? Como eles conseguiram na ausência de ritos de passagem? E, seguindo o fio metapsicológico, a pergunta central é sobre as possibilidades de cada pessoa inscrever um “nós” como categoria intrapsíquica de desdobramento no campo social.

A resposta é caso a caso. Insisto, há sempre uma resposta subjetiva ao trauma. A forma de “sair” de cada adolescente dependerá e ao mesmo tempo expressará as dívidas intrapsíquicas deixadas pela pandemia. Alguns encontraram formas de coletivizar-se, alguma forma de representação no social, de “bandar”, outros produziram outras respostas, ou revelaram deficiências ou dificuldades imprevistas.

A seguir, as vicissitudes de alguns jovens nos permitirão aprofundar algumas das categorias propostas.

Não morrer. Tempo(s) e memória(s)

Zoe tem 13 anos. Os pais me ligam no início da quarentena, em fase de isolamento absoluto. Ela sempre foi “excelente” em tudo, obediente, boa aluna e irmã mais velha e eles não entendem porque ela está tão assustada com a pandemia. Absolutamente apática, ela não dorme sozinha, tem pesadelos, não quer se conectar nas suas aulas ou conversar com amigos. Quatro anos antes, Zoe teve uma doença oncológica que a levou à beira da morte, durante a qual passou períodos de isolamento. Assim começa o processo analítico de Zoe que, no momento dessa situação, se viu “revivendo” um momento dramático de sua vida que julgava encerrado, e que seus pais achavam melhor não abrir, em um esforço para garantir que nada é mencionado para evitar que a memória da doença entristeça Zoe. Um verdadeiro pacto de silêncio familiar. A repetição do cenário de doença e isolamento gera uma sintomatologia: ela se tranca, o vírus pode estar em qualquer lugar, dentro dela, a proximidade da morte em toda sua brutalidade. As defesas caem. Não há onipotência possível, mas desamparo brutal. Como sair para um mundo onde qualquer um pode morrer?

Para os gregos, havia um tempo linear da sucessão dos acontecimentos em forma de flecha irreversível, tempo contado externamente por relógios, marcando o corpo, rotinas e hábitos das pessoas. Tempo cronometrado em horários que sempre nos sobrecarregaram. Deleuze (1999) introduz um terremoto nessa concepção retilínea do tempo. Ele a entende não por sua linearidade, mas por “saltos, acelerações, quebras e desacelerações” (Gualandi, 2003, p. 71) e, em vez de uma linha do tempo, há um emaranhado de tempo, em vez de fluxo, uma massa, não é uma linha, mas um labirinto; uma espiral rotativa; um rizoma.

Nossos pacientes se movem entre diferentes planos temporais, em movimentos descontínuos. O movimento difuso, antilinear, rizomático, deve-se à existência de outra forma de temporalidade, que faz com que o tempo iluda a linearidade e a circularidade e avance por outros caminhos (Deleuze, 1999). Tempo de vivências, de intensidades, de devires. Existe uma terceira via do tempo, onde tudo é repetição, a ideia de repetição do futuro como eterno retorno. Deleuze faz uma leitura peculiar da noção de eterno retorno de Nietzsche, operando uma virada criativa: o eterno retorno, entendido como dispositivo da repetição, nunca é o retorno do mesmo, igual ou semelhante; “trata-se de fazer, pelo eterno retorno, entrar em existência o que não pode entrar nela sem mudar de natureza” (Deleuze, 1976, p. 58). Compreende-se, então, que a repetição é a produção de uma memória ligada ao novo, à diferença e à criação.

Voltamos a Zoe: algo se repete para produzir uma nova memória. Em princípio, uma sucessão de atos: falar sobre a doença, sobre o que aconteceu, comentar a situação na escola, fazer comemoração no aniversário da alta médica. Zoe chorava todas as vezes, chorava muito. Raramente saía do quarto, as metáforas da guerra, a luta contra o vírus, contra as doenças, o isolamento, o desamparo, o que seu eu infantil não conseguia entender quando adoeceu. Finalmente, a raiva se instalou, depois a culpa pelo mal que ela havia causado a seus entes queridos. Quando as escolas abriram, ela preferiu continuar virtualmente. Ela ficou com medo e ficou muito brava com quem não usava a máscara corretamente, com os antivacinas. “Você escolhe morrer?”, ela se perguntou. Quase em pânico, mas ajudada por todos que sabiam da reativação de traumas anteriores, ela se integrou em uma bolha. O tema central do trabalho do ano letivo são os danos ao meio ambiente e uma das histórias a serem lidas era sobre uma menina que tinha a mesma doença, que podia ser curada com uma planta, mas alguém descuidadamente pisou na única planta que restava no mundo, e a menina não pode ser curada. Ela não aguentou, muito brava, voltou da escola chorando, me ligou e resolveu arrancar as páginas da história uma a uma. Ato novo nesse tempo de intensidades que se repetem em busca de uma nova figuração. Tempo de oportunidade, de evento. O que acontece neste momento geralmente não faz parte do plano.

Não sair: a passagem para o ato

Paulo, um adolescente residente em Buenos Aires, com dificuldades bastante sérias na vida familiar e nos vínculos sociais que se agravaram devido ao confinamento durante a quarentena, uma situação muito difícil para ele viver com a mãe e irmãos, o pai trabalhando no exterior, em um situação de incerteza sobre o próximo destino da família. Morou em vários países, estudou espanhol e inglês, tendo o português como língua materna, chegando ao fim do ensino médio em uma pandemia sem poder tomar decisões sobre seu futuro. A mãe, uma mulher ansiosa, muito religiosa, com altares e velas por toda a casa, muito atenciosa e possessiva com os filhos. E o pai, desde a infância de Paulo, trabalhava fora por longas semanas. As férias de janeiro chegam, em plena pandemia, e Paulo se empolgou com a ideia de visitar a família em seu país de origem. Em meados de janeiro, seus pais, angustiados e alarmados, mandam um recado porque Paulo havia feito um corte profundo em um lado do rosto, da boca à orelha. Em seguida, ele me envia um longo áudio contando o que havia acontecido. Ele conta que as férias foram estressantes porque passou um tempo sozinho com a mãe em um apartamento de quarenta metros, com passeios

restringidos pela pandemia, e se sentiu letárgico, triste e deprimido. Um dia, eles visitam uma tia fotógrafa que lhes mostra um livro sobre o candomblé, uma cultura pernambucana que mistura as religiões cristã e africana, e neles era feita uma cicatriz nas costas, ou no peito segundo o deus, porque a ideia, ele esclarece, é que cada pessoa representa um deus. Ele conta que quando passou para o mundo adulto, ficar com uma cicatriz era como um ritual, algo marcante. Que não é autoflagelação, mas uma marca, algo simbólico. Mas não foi aí que teve a ideia de se cortar, mas numa outra altura, quando estava a olhar a sua cara no espelho e não sentiu que a sua cara, que foi criada pelos seus pais e que eles também se sentem “muito apropriados dele”. E assim surgiu a ideia de ficar com uma cicatriz, como algo simbólico para ele, como uma assinatura, como que para mudar algo nele. No dia seguinte, os pais o veem e se desesperam. Ele explica que havia pensado em mentir para eles, dizendo que escorregou e se cortou, mas aí perdeu o propósito do gesto. Por mais que ele tentasse explicar aos pais que era uma marca, eles enlouqueciam, e também incomodavam a mim, analista dele, nas minhas férias. Naquela época, ele só queria sair porque não conseguia tolerar o clima, vendo seus pais chorando de angústia, mas seus pais não o deixavam, e ele estava muito ansioso, à beira de um ataque de pânico. Os pais redobram o confinamento, evidenciando o fracasso de sua tentativa de saída.

Na psicanálise temos a noção de passagem ao ato, que neste caso revela a identidade órfã e a dificuldade de inscrição da corporalidade. Não há tribo adolescente que sustente uma trama, não há ritual de conclusão do ensino médio, não há projeto de futuro diante de um destino incerto. Paulo faz uma imitação paródica, uma paródia, de um ritual de iniciação. O que Le Breton chama de ato de passagem dos adolescentes diante “da sensação de estar diante de um muro intransponível que os separa do mundo adulto, e que os condena a habitar uma espécie de presente que nunca acaba, despojado de todo futuro” (Le Breton, 2014, p. 101). Nesse caso, o ritual recolhe todo o sadismo do superego, na forma de criar um novo rosto, diferente daquele que lhe foi dado por seus pais, ato que ao mesmo tempo o torna um representante de Deus, que é outro deus que o de sua mãe.

Três sonhos nos permitem começar a significar a passagem ao ato como uma tentativa de saída fracassada:

Primeiro sonho: Ele estava dentro de sua casa com sua família. A cena foi avassaladora. Ele rasgou uma superfície que parecia um pano, e assim conseguiu sair. Parecia muito bom, mas depois tudo ficou cinza, como em uma cidade onde ele morou por vários anos durante sua infância, que sempre foi cinza.

Segundo sonho: Ele estava com uma amiga no sonho e, em uma parte, perguntou à mãe por que ela não o ensinou a ser pai.

Terceiro sonho: Ele está em sua cama com uma figura branca ameaçadora. Ele não sabe o que é, mas depois, quando se associa, diz que sabe que é uma mulher.

Estamos tecendo uma trama onde algo faz sentido: uma cena opressiva. Rasgar uma superfície, um tecido para encontrar uma cidade cinzenta. A presença de uma amiga, o chamado para um pai, uma mulher ameaçadora. Então: sair de onde? Onde?

Intimidade. A construção do nós

Coordeno um Programa de Atendimento a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social que atua em grupos com crianças e adultos responsáveis. São grupos terapêuticos que, antes da pandemia, funcionavam presencialmente em salas de aula da Faculdade de Psicologia ou do Hospital de Clínicas da Universidade de Buenos Aires. Com a pandemia, todo o Programa passou a funcionar virtualmente. Em um grupo de jovens, participa Leo, que tem 15 anos e tem um vínculo muito particular com a mãe, que o auxilia em todas as suas tarefas e atividades. É por isso que o terapeuta adulto insistiu que os jovens tivessem alguma privacidade para suas sessões de videochamada. Na segunda sessão virtual, a certa altura, o terapeuta percebe que Leo está com a mãe ao seu lado, que ela lhe diz o que dizer ou expressa opiniões. O terapeuta fica surpreso, mas percebe que o fato de haver uma porta que pode ser fechada nas consultas presenciais não significa que processos de diferenciação, intimidade e autonomia tenham sido construídos. Como funciona a categoria do nós? O terapeuta diz: *Uau, parece que temos outra pessoa hoje. O que vocês acham disso?* Segue-se uma conversa sobre quem está no grupo, por que uma mãe pode ou não estar presente. Todos eles se associam, cada um a partir de suas histórias e enredos únicos. Uma menina, Johana, diz que sua mãe não pode estar no grupo porque ela está trabalhando. Em nenhum momento surge a questão da intimidade. Tem uma menina que diz que gostaria muito que a mãe de Leo estivesse presente porque ela não tem mãe. Ao que Leo responde que sua mãe pertence somente a ele, e que então, é melhor que a mãe deixe o grupo. Ele pede que ela saia do local. A mãe vai embora. Há um silêncio. É possível falar de um novo limite, mesmo que não se trate de proteger a intimidade de sua sessão de grupo, mas a intimidade de seu relacionamento com sua mãe? Como essas experiências impossíveis nos marcam como terapeutas presencialmente? Qual é o “nós” que está armado neste caso?

Sair. Um ponto de inflexão

No mesmo grupo de Leo, participa Johana, de 14 anos, tendendo a ter uma posição passiva, sempre auxiliada pela mãe. Quase afastada da escola, (*em quarentena, o mesmo de sempre, comer e dormir*). Com um pai violento, uma indiscriminação muito forte com a mãe em confinamento consanguíneo, ambas desacreditam o pai de Johana, o que o torna agressivo, impotente e descarrega violência verbal em ambas. A certa altura, a mãe entra em contato com a terapeuta do grupo adulto, ela está internada com covid-19 em situação delicada. No grupo, Johana está muito angustiada, diz que salvou a vida da mãe: *Se não fosse por mim, minha mãe estaria morta...* Uma das primeiras vezes que fala em seu próprio nome. Ela está muito zangada com o pai, porque ele não levou em conta a gravidade da situação, apesar de ela insistir. Foi Johana quem pediu ajuda aos vizinhos que conseguiram internar sua mãe. Ela insiste: eu salvei a vida dela. Após uma longa internação onde a mãe corria sério risco de vida, mudaram-se sozinhas, para um quarto que Johana alugou com a ajuda da madrinha. Johana diz em relação ao pai: *Não quero saber mais nada daquele homem*. Identificada com a mãe, fala como uma mulher falando de um homem, não de um pai. Embora a dualidade seja reforçada, Johana sai da situação de passividade em que se encontrava e acumula o benefício subjetivo de ser aquela que salvou sua mãe. Ao mesmo tempo, constitui-se um ponto de inflexão, um indesculpável para ambos, mãe e filha. O pai de Johana foi perdoado pela violência, mas não por quase ter deixado a esposa morrer. Nada será como antes e Johana se posiciona como agente dessa mudança. Você será capaz de sustentar esse lugar ativo em outros planos de sua vida? Ou permanecerá capturada na identificação com sua mãe?

Sair. Hikikomori ou perda de contato com outros

Eles me consultam sobre Lucy durante a ASPO, isolamento estrito devido à pandemia. Aos 19 anos, ela está trancada em seu quarto, não participa de nada da vida familiar há um ano, come sozinha e só fala com sua irmã de 12 anos. Recalcati descreve Hikikomori, fobias sociais severas, anorexia severa como formas de Neomelancolia. (2019, 2020). Falta de sentido na vida? Movimentação claustral em direção ao fechado? Ambas as irmãs foram adotadas ainda bebês em uma província do norte por um casal com forte participação em uma comunidade à qual ambas as meninas foram “convertidas” por meio de um ritual religioso. Lucy já passou por vários tratamentos psicoterapêuticos com pouco sucesso e não está disposta a iniciar outro. Diz que está bem, que

ela não tem nenhum problema. Os pais comentam que ela nunca foi de falar, nem mesmo quando era pequena. Eu ofereço-lhe um espaço familiar. Sessões em família pelo zoom. Com a ideia de que a terapia é melhorar a comunicação entre os familiares, Lucy concorda. Na primeira sessão, mal vejo Lucy no fundo do quarto, com a luz apagada e silenciosa. A pele escura das irmãs contrasta com a pele branca e europeia dos pais. Eu imediatamente penso em Lucy na escola comunitária que ela frequentou, em um mundo de brancos. Nessas sessões ninguém fala, eu pergunto, eles me respondem, eu tento historicizar. Durante meses o esforço é enorme. Várias vezes me perguntei o que estava fazendo naquele quadrado de zoom, com outros quatro quadrados silenciosos. A certa altura os pais queixam-se que a Lucy nunca quis partilhar com eles o gosto pela ópera... Viro-me para a Lucy: *que música gostas?* Demora seis minutos intermináveis em que espero pacientemente. Cita uma banda coreana que eu não conheço, mas eu procuro no Google imediatamente. *Ahhh*, eu digo, *eles são ótimos, eles têm uma estética colorida*. Falamos sobre a Coreia, é uma conversa tediosa, leva o que parece horas para responder, mas todos esperamos por isso. Finalmente ela consegue dizer que faz parte de um grupo de fãs daquela banda, e que vão comemorar o aniversário do líder da banda. É um evento mundial, e para ela, os fãs espalhados pelo mundo se preparando para o aniversário do líder da banda são seus amigos, seu único contato com os outros. Penso na ruptura com a origem, na diferença absoluta. Por muito tempo as sessões continuam assim, com Lucy quase no escuro, quase sem falar, até que ela fala, bem devagar, sobre o que sofreu na escola, que não vai à mesa porque não sabe o que falar com seus pais. Assim, depois de meses, Lucy começa a se iluminar... Os pais escutam, e começam a mudar, a aceitá-la, a entender seu sofrimento. Adotam uma cadela, um cadela de rua que pegam em um abrigo de animais. E Lucy começa a sair para passear com ela. Inscreve-se para estudar tradução para o inglês. A modalidade de pandemia é virtual. Ainda não pode sair. Eu ofereço a ela que podemos ter sessões individuais em inglês, para que ele pratique esse idioma. Aceita. Agora estamos sozinhas. Falamos inglês durante as sessões. Tudo acontece muito devagar e sem pressa. Um dia, ela me conta que parte da família é religiosa ortodoxa e não a aceitam. *É por causa da adoção*, ela me diz. Ela se pergunta por que sua mãe biológica a entregou. Pergunto se ela consegue pensar em que língua sua mãe biológica falaria. Imagina que Guarani. Ser capaz de imaginar é começar a sair. Imaginar é inventar uma origem que pode ser perturbadora. Estou pensando na definição dada por Deleuze (1975) da pulsão de segurança: é a perversão da pulsão gregária. A experiência da queda do desejo, a busca do fechado, a predominância do fechamento sobre o aberto. Aquele impulso anti-pulsão, impulso claustal. Percebo que estou ansiosa para

que suas aulas presenciais comecem, para que ela conheça pessoas de carne e osso, para que a vida a deixe inquieta. Na última sessão eu lhe disse isso. E ela respondeu que ela também.

V – Final

– A pandemia irrompeu gerando um vácuo de significado. O trauma da pandemia é o ponto irrepresentável que afeta cada pessoa, e os sintomas ou angústias que a cercam.

– Na adolescência, o irrepresentável localiza-se no corpo e na falta de agentes de subjetivação não familiares.

– A resposta subjetiva é inicialmente a angústia, o sintoma ou a passagem para o ato mortífero.

– Mesmo assim, há variabilidade em qual trauma e também nas modalidades de resposta de cada sujeito ao encontro traumático.

– Essas modalidades variam conforme a relação do sujeito com o Outro e sua consistência, bem como suas possibilidades de produzir sintomas, atos, decisões ou novos significados que evitam a passagem ao ato ou as alianças entre identificação e pulsão de morte.

– A saída implica propostas, atos, novos significados que dão conta de como o ocorrido foi simbolicamente reintegrado e também “colocado na memória e colocado na história” como escreveu Piera Aulagnier (1991, p. 442).

– A memória não restaura nada, mas é um movimento em construção, possibilidade de experimentação, criação e novidade.

VI-CODA: A vida insiste

Para concluir, este é um excerto de uma sessão de grupo no âmbito do programa de cuidados com dois adolescentes que perderam recentemente os avós para a covid-19. Eles permanecem em silêncio na chamada de vídeo. A terapeuta sugere que eles inventem uma história entre os dois, uma frase para cada um.

Era uma vez

A – Uma princesa.

R – Que estava voando.

A – E que também era gorda.

R – E ela gostava de nadar.

A – E seu desejo era ser magra.

M – Mas não sabia o que fazer.

A – E um dia ela encontrou um animal de estimação que era um gato e ela queria adotá-lo.

R – “É muito vida real”.

A – “É um pouco minha vida real”.

R – O gato não era realmente um gato, era um feiticeiro.

A – O feiticeiro disse que ela tinha que fazer três desejos e ela pediu para ser magra, então ela pediu um gato para adotar e pediu paz no reino.

A princesa disse ao mago: transporte-me para o meu reino, e eles fizeram uma festa para ela.

R – E um dia, eles puderam sair e festejar.

Referências

Agamben, G. (2020). *¿En qué punto estamos? La epidemia como política*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora.

Aulagnier, P. (1977). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

Aulagnier, P. (1991). Construir(se) un pasado. *Revista de Psicoanálisis APdeBA*, 13(3), 441-497.

Aulagnier, P. (1994). *Un intérprete en busca de sentido*. Mexico: Siglo XXI.

Bleichmar, S. (1992). Teoría traumática de las neurosis. *Diarios Clínicos*, 5, 49-58.

Dejours, C. (2017). Género y adolescencia: Entre mensajes de seducción y mensajes de asignación. *Topía*. <https://www.topia.com.ar/articulos/genero-y-adolescencia-mensajes-seducccion-y-mensajes-asignacion>.

Deleuze, G. (1975). *Kafka, por una literatura menor*. Mexico: Ediciones Era Naciente.

Deleuze, G. (1976). *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio – Sociedade Cultural.

Deleuze, G. (1999). *O bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34.

Freud, S. (1996). Más allá del principio de placer. In *Obras completas* (Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)

Grassi, A. (n.d.). *Notas sobre acontecimiento y trauma puberal (parte II)*. https://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios_catedras/obligatorias/056_adolescencia2/material/fichas/notas_acontecimiento_traumapuberal_2.pdf

- Gualandi, A. (2003). *Deleuze*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Kaës, R. (2010). *Un singular grupal*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Kaës, R. (2006). *El grupo y el sujeto de grupo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Katz, A. (2020). Cinco aproximaciones al tema del encierro. *Diario Clarín*. https://www.clarin.com/revista-enie/ideas/aproximaciones-tema-encierro_0_4d18OhQr4.html
- Kristeva, J. (1998). *Sentido y sinsentido de la revuelta*. Buenos Aires: Eudeba.
- Laplanche, J. (1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Le Breton, D. (2014). *Breve historia de la adolescencia*. Buenos Aires: Nueva Visión
- Lispector, C. (2008) . *Cuentos reunidos*. Madrid: Ediciones Siruela
- Lyotard, J-F. (1997). *Lecturas de infancia*. Buenos Aires: Eudeba.
- Recalcati, M. (2019). *Le nuove melanconia. Destini del desiderio nel tempo ipermoderno*. Milán: Raffaello Cortina Editore.
- Recalcati, M. (2020). *La tentazione del muro. Lezioni brevi per un lessico civile*, Milán: Feltrinelli.
- Rodriguez Zoya, L. (Coord) (2018). *La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina: desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI (Vol. 2)*. Buenos Aires: Comunidad Editora Latinoamericana.
- Rodulfo, R (2008). *El Psicoanálisis de nuevo. Elementos para una deconstrucción del psicoanálisis tradicional*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires
- Wald, A. (2021) La infancia de la época: Lo que nos enseña el psicoanálisis en tiempos *avant-coup*. *Calibán – Revista Latino-americana de Psicanálise*, 19(1-2), 113-123.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Tradução: Paul Montoya/ABC Traduções
Revisão técnica: Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Anália Wald
E-mail: awald1963@gmail.com